

---

---

## RESENHAS

---

---





## RESENHAS

**FEE, Gordon e STUART, Douglas. *Como ler a Bíblia livro por livro: Um guia de estudo panorâmico da Bíblia*. Tradução de Thomas Neufeld de Lima e Daniel Hubert Kroker. São Paulo: Vida Nova, 2013, 527 p.**

**Roger Marcel Wanke<sup>1</sup>**

De tempos em tempos, surgem, no Brasil, publicações que tratam, de forma sistematizada e didática, dos livros da Bíblia. O objetivo de tais publicações é fomentar o conhecimento bíblico e introduzir o leitor da Bíblia em seu conteúdo. Muitas delas, com razão, abstêm-se de aprofundar questões levantadas pela pesquisa exegética, que mais se aplicam em livros como introdução ao Antigo ou ao Novo Testamento. Outras, por sua vez, apenas citam algumas dessas informações, tais como autoria, datação, destinatários e ocasião do surgimento do respectivo livro bíblico, sem, contudo aprofundar a discussão existente. Conhecer a Bíblia, no

---

<sup>1</sup> Roger Marcel Wanke (Dr.) é docente na área bíblica, com ênfase em Antigo Testamento, na FLT - Faculdade Luterana de Teologia. Concluiu seu doutorado em 2009, na Faculdade de Teologia Evangélica da *Universidade Friedrich Schiller*, em Jena, na Alemanha, sobre o tema da “*Praesentia Dei – As concepções da Presença de Deus no livro de Jó*”. É Pastor da IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, desde 1997, e faz parte do Comitê Editorial da Revista *Vox Scripturae*. E-mail: roger.wanke@flt.edu.br.

entanto, é tarefa incondicional e imprescindível da pessoa cristã, mas isso significa que ela deve estar consciente, não só do conteúdo e da mensagem da Bíblia, mas das questões históricas, que estão em torno de seu surgimento. Há, no Brasil, uma tendência crescente, embora muito lenta, de não cair num fundamentalismo literalista, por um lado, e nem num liberalismo meramente crítico, do outro lado. Tais extremos não permitem à Bíblia ser o que ela sempre foi e quer ser para o seu leitor. Nesse sentido, o leitor da Bíblia recebe mais uma valiosa ferramenta, para ajudá-lo a conhecer a Bíblia, sem cair nos dois extremos abordados acima. *Como ler a Bíblia livro por livro*, além de aprofundar o conteúdo da Bíblia, sem abster-se de algumas informações históricas importantes, mantém a unidade da Bíblia e ajuda o leitor a compreender cada livro dentro do todo da mensagem bíblica.

Os autores do livro, Gordon Fee e Douglas Stuart, são muito conhecidos no meio evangélico brasileiro e na academia teológica, desde a publicação do livro *Entendes o que lêes?*, em 1984, pela editora Vida Nova. Esse livro continua sendo lido e estudado em comunidades e em cursos de teologia, no Brasil e mundo afora. Ao longo de *Como ler a Bíblia livro por livro*, os autores fazem menção ao livro *Entendes o que lêes?*, a fim de não se tornarem repetitivos em alguns aspectos abordados. Por isso, mesmo que os autores digam que não presumem que seus leitores o tivessem lido, seria muito útil conhecê-lo ou tê-lo como material de consulta e aprofundamento.

A partir do título do livro, fica claro o propósito de seus autores. Eles pretendem ensinar o leitor a ler a Bíblia livro por livro, em sua sequência canônica e, dessa forma, fazer do livro um guia de estudo panorâmico da Bíblia. No prefácio, eles abordam três propósitos. Em *primeiro lugar*, não desejam que esse livro seja usado apenas de forma utilitária, repassando várias informações bíblicas para ajudar pessoas, principalmente estudantes de teologia, a passar em provas de conhecimentos bíblicos, sem sequer ler a Bíblia. Ao contrário disso, “de todo o modo, o objetivo é fazer de você um *leitor* melhor da Bíblia” (p. 13). Em *segundo lugar*, os autores querem apresentar cada um dos livros bíblicos de forma individual (como entidades individuais) dentro de um todo canônico, que tem por finalidade contar a “história de Deus”. A visão panorâmica da Bíblia permite identificar, segundo os autores, a “metanarrativa da Bíblia”. Por isso, eles iniciam, logo após o prefácio, com uma breve abordagem introdutória da história bíblica. *Por fim*, os autores, como dito acima, não se absterem de informar o leitor acerca das questões introdutórias de cada livro bíblico, mas as isolam no início de cada abordagem, em um item, chamado por eles de “Informações Básicas sobre...”, nas quais as questões como autoria, data, destinatários, entre outros são abordadas brevemente. Com isso, os autores pressupõem que o leitor da Bíblia aprofunde

essas e outras questões por meio da leitura de outras obras. De forma honesta à pesquisa exegética veterotestamentária, os autores explicam, conscientemente, que as questões introdutórias relacionadas, principalmente, à autoria dos livros do Antigo Testamento são mais complexas do que as do Novo Testamento. Embora a explicação dos autores toque superficialmente na questão, eles deixam claro, aos leitores, que é melhor ler e conhecer a Bíblia na sua forma canônica, do que se perder em questões secundárias e hipotéticas.

Logo após o prefácio, no entanto, os autores apresentam um breve texto introdutório, que se propõe a fundamentar seu ponto de partida hermenêutico (p.17-24). Os autores compreendem a Bíblia como a “narrativa mais sublime de todas – a própria história de Deus”. A palavra-chave do livro, portanto, é “História Bíblica”. Essa se evidencia, segundo os autores, em quatro momentos: criação – queda – redenção – consumação. Em última análise, os autores apresentam a História da Bíblia como o plano de salvação de Deus. Embora isso traga consigo uma tendência mais dogmática, ao lidar com documentos históricos, como é o caso dos livros bíblicos, essa forma de ler a Bíblia preserva, acima de tudo, a visão do todo da Bíblia. Com isso, o leitor é confrontado a compreender a História de Deus com a humanidade e a se perguntar como ele mesmo se encaixa nessa história.

O livro apresenta cinco capítulos principais, nos quais, os livros do Antigo e do Novo Testamento são apresentados. Cada um desses cinco capítulos é brevemente introduzido por meio de informações sobre a estrutura canônica, incluindo a discussão com a ordem dos livros na versão grega do Antigo Testamento, chamada Septuaginta. Seguindo, os autores apresentam questões hermenêuticas, que levam em conta a discussão dos gêneros literários, principalmente, com referência ao livro *Entendes o que lês?* Da mesma forma, os autores informam acerca da função desses textos dentro do contexto maior da História Bíblica, proposto por eles. Por fim, são apresentadas as ênfases teológicas de cada um dos blocos em que se divide a Bíblia. O *primeiro capítulo* (p. 25-139) se ocupa com as narrativas de Israel e com as Leis no contexto da história bíblica. Aqui são tratados os livros históricos do Pentateuco e os livros históricos de Josué até Ester. O *segundo capítulo* (p. 141-202) aborda os Escritos de Israel na história bíblica, ou seja, os livros poéticos e sapienciais, iniciando pelo Livro de Jó, indo até o livro de Lamentações de Jeremias, que aqui, com razão, é apresentado separado do livro profético de Jeremias. Isso se deve ao caráter poético desses cinco belíssimos poemas de lamento que, originalmente, não estão associados ao profeta. Concluindo a parte do Antigo Testamento, são tratados, no *terceiro capítulo* (p. 203-314), os profetas de Israel na História Bíblica. Os próximos dois

capítulos abordam os livros do Novo Testamento. No *quarto capítulo* (p. 315-369), os autores apresentam os Evangelhos e o Livro de Atos dos Apóstolos, no contexto da História Bíblica. Interessante aqui é perceber a junção que os autores fazem entre o Evangelho de Lucas e o livro de Atos dos Apóstolos, colocados lado a lado por causa da mesma autoria, e antes do Evangelho de João. Por fim, no *quinto capítulo* (p. 371-518), os autores passam a explicar sobre as cartas e o Livro de Apocalipse, no contexto da Narrativa Bíblica. Isso chama a atenção, pois os autores enxergam os textos exortativos das cartas e apocalípticos do Apocalipse de João como elementos importantes na narrativa da história de Deus. Para os autores, “as cartas desempenham um papel crucial nessa grande história, definindo como se dá o desfecho da trama bem como a forma em que o povo de Deus, recém-redimido e reconciliado, deve viver na presente era, enquanto espera com expectativa e alegria o último capítulo da história”. (p. 371).

Metodologicamente, cada livro da Bíblia é apresentado a partir de quatro grandes seções: **a) Informações básicas**, nas quais, os autores abordam, como dito acima, algumas informações introdutórias de autoria, datação, ocasião do surgimento, bem como breves informações acerca do conteúdo e das ênfases teológicas; **b) Visão geral**, na qual, os autores apresentam o livro bíblico a partir do seu conteúdo geral; **c) Orientações para a leitura** servem para aprofundar as ênfases teológicas de cada livro da Bíblia; e, por fim, **d) Uma caminhada por**, quer acompanhar o leitor em sua leitura Bíblica, passo a passo, seguindo, na maioria das vezes, a estrutura do livro bíblico. Com essa metodologia, os autores não querem que seus leitores substituam a leitura da própria Bíblia pelo livro apresentado, mas sim, querem auxiliá-los na compreensão do sentido dos livros bíblicos e despertar nos leitores um “desejo renovado de lê-los”.

Como auxílios aos leitores, além da introdução sobre a história bíblica como história de Deus, os autores apresentam um breve glossário de sete páginas (p. 519-525), com explicações de termos técnicos da teologia, incluindo também nomes de divindades pagãs, citadas no Antigo Testamento. Um apêndice com uma lista cronológica dos livros bíblicos finaliza a obra (p. 526-527). Essa lista leva em conta o conteúdo dos livros bíblicos, não a data de sua composição. Os autores são honestos, ao dizer que tal lista sempre terá um caráter conjectural, e que muitos livros, principalmente do Antigo Testamento, são de difícil adequação. A lista, em si, não apresenta muitas diferenças em relação à ordem canônica. No entanto, chama a atenção, que os autores concordam com vertentes da pesquisa atual, que Marcos seja o primeiro Evangelho a ser escrito e que I Tessalonicenses seja a primeira carta escrita por Paulo. Já o Evangelho de João recebe, pelos autores, uma posição quase ao fim dessa cronologia. No caso do Antigo Testamento, é curioso

que Jonas seja considerado, cronologicamente, o primeiro livro profético. O livro profético de Joel, mesmo que os autores reconheçam, com razão, a dificuldade de datá-lo, colocam-no junto aos profetas do século sexto, isto é, no período do exílio babilônico. Questionável, porém, é a posição do livro de Daniel, que leva em conta apenas a narrativa profética dos primeiros seis capítulos do livro, que literariamente situa Daniel no período Babilônico. Contudo, os capítulos 7-12, bem como seu acréscimo posterior, em língua grega, com forte aspecto apocalíptico, ficam sem ser contemplados na lista, vítimas, muitas vezes, de uma decisão apenas dogmática de ler as Escrituras. Para o leitor que desconhece o processo de formação e surgimento dos livros pós-exílicos dos profetas Ageu, Zacarias e Malaquias, bem como dos livros históricos de 1 e 2 Crônicas, Ester, Neemias e Esdras, a posição deles na lista dos autores permanece incompreensível, mesmo em se tratando como conjectura, afirmado pelos próprios autores. Nesse caso específico, não fica claro qual é o pressuposto dos autores, pois nem a cronologia a partir do conteúdo, muito menos a partir da data da composição é levada em conta. De forma geral, se não há espaço de propósito para discutir conjecturas, pergunta-se, em última análise, pelo sentido de tal lista cronológica.

Infelizmente, por falta de espaço, não há condições de apresentar uma avaliação crítica da abordagem de cada um dos livros bíblicos apresentados por Fee e Stuart. Por isso, abordam-se aqui apenas os que mais chamaram a atenção na leitura da abordagem de alguns dos livros bíblicos. Já na explanação do *livro de Gênesis*, é lamentável o fato de que os autores não incluem nenhuma informação a respeito da criação e da queda do ser humano, no item orientações para a leitura de Gênesis. Exatamente os três primeiros capítulos de Gênesis devem ser mencionados sempre de novo, pois a leitura literalista desses capítulos tem causado muito desentendimento teológico e antropológico nas igrejas. Em relação ao *livro de Salmos*, os autores permanecem na argumentação de que o Saltério é apenas um livro de canções. Com isso, as orientações para a leitura dos Salmos se tornam unilaterais. É totalmente despercebido, pelos autores, o fato de que muitos dos salmos são também orações e não canções. Nas orientações para a leitura do *livro de Jó*, os autores exageram um pouco, quando afirmam que “Satanás desempenha o papel crucial de pôr Deus no banco dos réus”. Na verdade, esse papel é desempenhado pelo próprio Jó, ao longo do diálogo poético com os amigos (Jó 3-27) e dos monólogos de Jó (Jó 29-31). Satanás apenas faz a pergunta mais piedosa, questionando tanto a motivação da fé de Jó em Deus, como a motivação da bênção de Deus para Jó e, depois disso, nunca mais aparece no livro. Exagero, infelizmente, percebe-se também quando os autores abordam o caso da mulher de Jó. Eles não enxergam além da interpretação clássica, que perdura desde os

dias de Agostinho, de que a mulher de Jó desempenha o papel de *adiutrix diaboli* (auxiliadora do Diabo). Ao ler Jó 2.9, na verdade, percebe-se claramente que a esposa de Jó reconhece a integridade de seu marido, tornando-se assim a *adiutrix Deo* (auxiliadora de Deus), tendência reconhecida na nova pesquisa exegética do livro de Jó. No caso do *livro de Isaías*, em nenhum momento, aparece que a unidade do livro tem sido questionada. Mesmo que esse não tenha sido o objetivo dos autores, estes omitem ao leitor uma explicação para os três séculos de eventos históricos narrados no livro de Isaías. Isaías não poderia ter vivido cerca de 300 anos e, se tudo o que está em seu livro deve ser entendido pelos autores como profecia de Isaías, anunciada já entre 740 e 687 a.C., como datam os autores o seu ministério profético, isso seria lamentavelmente uma grande contradição à explicação dos próprios autores, algumas páginas antes, na breve introdução aos livros proféticos, bem como no capítulo sobre a profecia no livro *Entendes o que lêis?* Nas informações básicas sobre os Evangelhos, os autores parecem levar os resultados da pesquisa exegética com mais seriedade do que em relação aos livros veterotestamentários. Os autores dos *Evangelhos de Mateus e Marcos* são apresentados justamente como anônimos. O mesmo acontece com as *cartas paulinas*. No caso da carta aos Efésios e das cartas de 1 e 2 Timóteo, por exemplo, os autores não escondem que há, na pesquisa, vozes que negam a autoria de Paulo. Contudo, a mesma informação não é dita em relação às outras supostas cartas deuteropaulinas, como, por exemplo, Colossenses e 2 Tessalonicenses. Os questionamentos quanto à autoria das demais cartas neotestamentárias e do livro de Apocalipse são informados ao leitor.

Acima de toda crítica, *Como ler a Bíblia livro por livro* chega em boa hora. Pensando no tempo pós-moderno em que se vive, o qual se vangloria de tentar eliminar as metanarrativas, *Como ler a Bíblia* vem reafirmando que as metanarrativas, principalmente a Bíblia, não estão extintas. Além de imprescindível, é possível, nos dias de hoje, ler e conhecer a Bíblia.